

Conflito 4 -16.30

Desde os meus 14 anos que trabalho apenas no verão, por ser estudante, na florista que a minha mãe possui. Porém, quando tinha 17 anos, a minha mãe adoeceu com o início de uma pneumonia nas minhas férias de Natal. Assim, como ela não podia sair de casa e estava acamada, ofereci-me para ajudar na loja durante o seu tempo de recuperação, visto que a época natalícia é uma época de muito trabalho na área da arte floral e decoração. A minha mãe possui duas lojas e em cada uma delas, uma funcionária. Na loja que se situa no centro histórico da cidade está a minha tia (Inês) e na loja do supermercado Intermarché estava a Beatriz, funcionária já com 2 anos de estar a trabalhar connosco.

Sempre me dei bem com a Beatriz, nunca tivemos qualquer tipo de atrito, porém, quando voltei a trabalhar, e como a minha mãe não estava presente, senti que a Bia se aproveitava disso. A minha mãe já me tinha avisado que a Beatriz tinha um feitio difícil e que, por vezes mentia e era manipuladora. Eu não conhecia essas facetas porque não convivía assim tanto com ela e sempre fui de acreditar no melhor das pessoas. Foram 2 semanas de trabalho em que a Beatriz me pedia constantemente para trocar de horário com ela, para que fosse eu a fazer os horários mais longos e os das noites, pois, por se tratar de uma loja numa galeria comercial de um supermercado, tem horários muito extensos (08h – 22h). Como na altura, eu ainda não tinha carta de condução, tornava-se muito difícil sair às 22h da loja porque tinha que ter alguém disponível para me levar a casa (o meu último autocarro era às 19h). Mas eu não era capaz de dizer que não e não queria mostrar “parte fraca”. Ao fim ao cabo, eu estava a tentar preencher o papel da minha mãe e queria mostrar que era capaz. Começámos por fazer 8h cada uma, pois havia alturas do dia em que a afluência de clientes não permitia que estivesse uma pessoa sozinha na loja. Ao fim de uns dias, a Bia fazia 6h e eu já tinha passado a 10h. Andava arrasada com o cansaço mas não queria chatear a minha mãe, para ela não se preocupar com a loja enquanto estava doente. Ao fim de duas semanas, eu já não aguentava o dia inteiro de pé, até porque tenho artrite e as dores nas articulações estavam a dificultar bastante as coisas. Quando tentava explicar à Bia a minha posição, ela arranjava maneira de me dar a volta e eu acabava por me calar. Já não sabia como sair daquela situação e começava a enervar-me o facto de ela não querer saber. Ela tinha mais 10 anos que eu. A adulta ali deveria ser ela. E ainda me faltava mais uma semana de trabalho. Decidi falar com a minha mãe no dia em que a Beatriz me pediu para fazer novamente a noite e ofereceu-se para me ir buscar à loja e levar a casa. Achei aquilo estranho. Não podia fazer a noite, mas podia ser taxista. Como a minha mãe estava mesmo muito doente, não se andava a aperceber do número de horas que eu andava a fazer e do cansaço com que eu estava. Quando lhe contei o que se estava a passar, ela pediu-me desculpa por não ter estado mais atenta à Bia, pois conhecia as suas “manhas”. Ligou-lhe e deu-lhe um “raspanete” porque não era eu que era funcionária da Aquaflor, mas sim ela, e se havia alguém que deveria “segurar as pontas”, esse alguém também não era eu. Eu ia apenas ajudar e, supostamente preencher o horário das horas menos movimentadas.

Na terceira e última semana de trabalho não houve trocas de horários. A minha mãe definiu como é que as coisas iriam ser feitas, até porque já se sentia melhor e já ia conseguindo sair de casa sem ir parar ao hospital com ataques de tosse e falta de ar, pelo que as coisas correram um pouco melhor. Porém, o ambiente entre mim e a Bia nunca mais voltou a ser o mesmo e uns meses depois a minha mãe decidiu que ela não era uma pessoa com quem pudesse contar, muito menos em momentos de maior aflição ou *stress* e despediu-a. Era uma pessoa muito egoísta e que não se esforçava pelos interesses da loja, mas apenas pelos seus.